

VISÃO DO CORREIO

Entre memórias e urgentes sanções

A Polícia Federal (PF) bateu à porta ontem para prender quatro integrantes do Exército e um servidor da própria corporação acusados de planejar um golpe para matar o presidente Lula (PT) e seu vice, Geraldo Alckmin (PSB), além do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. A estratégia, planejada por meio de grupos de WhatsApp e articulada a partir de diferentes frentes, teve, segundo as investigações, sua gênese na casa do general Braga Netto, candidato na chapa do PL à Presidência da República em 2022 ao lado de Jair Bolsonaro.

Uma das ideias envolvia envenenamento das três autoridades — portanto, sem qualquer chance de defesa. No caso do presidente Lula, a PF informa que os quatro militares se aproveitariam da condição de saúde do petista para envenená-lo durante consultas hospitalares de rotina. O escândalo choca a sociedade, é uma ameaça evidente ao Estado Democrático de Direito, mas não surpreende os livros de história.

O país segue enfrentando as feridas abertas pelo golpe militar de 1964. Ainda que a Comissão da Verdade, extinta em 2014, tenha prestado um serviço valioso à democracia brasileira ao revisar crimes contra os direitos humanos nunca solucionados pelo Estado, a Lei da Anistia que perdura desde 1979 escancara uma herança maldita ainda viva entre brasileiros e brasileiras.

Diante de tal cenário, vem em hora ainda mais essencial o sucesso do longa-metragem *Ainda estou aqui*, em cartaz na maioria das salas de cinema do país. O filme, dirigido por Walter Salles, conta a história de Eunice Paiva (Fernanda Torres), viúva do ex-deputado Rubens Paiva (Selton Mello), sequestrado e assassinado pela ditadura militar em 1971.

A trama, mesmo exigindo compreensão

sobre a história do Brasil para seu entendimento mais completo, emociona o público ao redor do mundo por retratar a (quase) destruição de uma família unida e feliz a partir de um dos crimes mais conhecidos da ditadura militar brasileira. Após anos de luta de Eunice, o Brasil só atestou a morte de Rubens Paiva pela ditadura em 1996, a partir da Lei dos Desaparecidos Políticos, sancionada por Fernando Henrique Cardoso no ano anterior.

A operação da PF que revelou o planejado golpe intitulado Punhal Verde e Amarelo e a tragédia da família Paiva andam de mãos dadas quando se olha para a história do Brasil. É o factual da semana confia às autoridades brasileiras uma nova oportunidade de dar a esses crimes os pesos que eles precisam ter. Notas de repúdio ou condenações via rede social são insuficientes para conter quem tem apreço pela opressão. O mesmo vale para declarações em microfones da imprensa ou em eventos públicos.

Ao mesmo tempo em que os livros e documentos da ditadura deixam claro que o plano para matar o presidente da República, seu vice e um ministro do STF tem explicações históricas, o Estado brasileiro já mostrou, em outras oportunidades, fraqueza ao punir quem odeia a democracia. O próprio fato de integrantes dos ataques de 8 de janeiro de 2023 terem se candidato neste ano, ainda que nenhum deles tenha sido eleito, prova que se trata de uma nação quase sem memória.

Ainda estou aqui, ao dar ao cinema brasileiro a chance de uma indicação ao Oscar, acerta não só ao retratar a tragédia causada pela ditadura pela ótica da viúva Eunice — diante do contumaz esquecimento da figura da mulher na resistência —, mas também por trazer a temática tão necessária a partir do viés da perda familiar. É preciso (re)lembrar, com nós na garganta, para não repetir os erros do passado.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Inesquecível

Em 1963, com 15 anos, fui colocado por meu pai como estagiário de Paulo Iolovitch na antiga loja Solomaq na W3 Sul. Pintávamos cartazes para expor os produtos, já que era essa a tecnologia da época. Daí surgiu uma amizade para toda a vida. Paulo foi um artista premiado, inclusive com Prêmio de Viagem a Europa e vários outros, e, mesmo assim, manteve sua jovialidade, vendendo suas obras na noite de Brasília. Querido Paulo, você permanecerá inolvidável na memória de Brasília!

» **Oswaldo Pullen Parente**
Setor Noroeste

Periferia

A exposição *Foto de Quebrada*, noticiada na matéria *Das periferias do Brasil (Cidades*, edição de 17 de novembro, página. 17), é aberta ao público até 24 de janeiro de 2025 na Galeria Rosifloras, em Ceilândia, maior cidade do DF além de celeiro cultural de artistas populares anônimos e conhecidos, pela qual tenho muito apreço. A mostra fotográfica, que reúne obras de 30 artistas de diferentes regiões brasileiras, foi divulgada pela rádio Cultura e financiada pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC). Oportuno ainda acrescentar que tive o orgulho de somar, concorrendo com cinco trabalhos inéditos inscritos, todos clicados nas quebradas do quadrado federal. Parabéns pela iniciativa, galera da Ce!

» **Neto Kobra**
Asa Norte

Poeta Anderson Horta

Cumprimento o jornal pela excelente entrevista de Nahima Maciel com o poeta e prosador Anderson Braga Horta (ABH), por ocasião de seus 90 anos. Mineiro de Carangola, Anderson mora em Brasília desde 1960, foi diretor da Câmara dos Deputados e publicou vários e premiados livros nos campos de poesia, conto, crônica, crítica e ensaio literário. Entre seus prêmios, o Jabuti, o Olavo Bilac e o Alphonse de Guimaraens. É também tradutor de francês e espanhol e tem poemas traduzidos em várias línguas, inclusive em alemão, por Curt Meyer-Clason, o tradutor de Guimarães Rosa, e, em búlgaro, por Rumem Stoyanov. É, sem dúvida alguma, um dos maiores poetas e prosadores brasileiros de todas as épocas, conforme os mais renomados críticos literários. Mais informações sobre ABH o leitor encontrará no *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares, em quarta edição. Anderson Braga Horta é membro (e

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Dia da consciência negra: ninguém nasce racista, torna-se.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Respeito não tem cor, tem consciência. Igualdade, justiça e respeito são um direito!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Falaram tanto em Deus, pátria e família para poder comprar os bestas. O Malafia, agora, está quieto. Logo, estarão dizendo que tudo é invenção do STF.

Ebidon José — Brasília

**Kids pretos.
Kids presos.
que desprezos.**

Franciscartlos Diniz — Asa Norte

Sabe quando o fim da fome vai acontecer? Nunca! Não é de interesse de nenhum governo acabar com a miséria. São esses menos favorecidos que embalam suas riquezas

Ângela Rodrigues — Brasília

seminar mentiras nas redes sociais. E ainda estão procurando o comandante do golpe?

» **Teniso Lima**
Octogonal.

Fome

Lula se projeta como grande vencedor e extraordinário líder mundial na luta contra a fome ao conseguir a adesão de 148 nações na Aliança Global Contra a Fome. Há um quarto de século ou mais, existe essa conversa de acabar com a fome no mundo, mas ela persiste qual uma endemia. Essa Aliança será uma bela iniciativa para captar dinheiro dos países ricos, assim como as mil ONGs que estão salvando a Amazônia há décadas, e ela continua sendo agredida, como se vê nos incêndios de todos os anos e desmatamento progressivo. Pelo menos, o assunto fome serve para Lula fazer conferências no mundo inteiro. Como se diz: quem sabe faz, quem não sabe ensina com números sacados da sua cabeça conforme a conveniência do momento.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Basta de ameaça nuclear

A guerra entre Rússia e Ucrânia completa, hoje, mil dias. Não há qualquer expectativa real de paz, exceto retórica e promessa de campanha do presidente eleito dos Estados Unidos Donald Trump. Ele prometeu acabar com a guerra em 2025, mas não explicou como nem se lembrou de que é preciso combinar bem isso com os russos. Decidi escrever este artigo não apenas pela efemeridade da data, mas por dois desdobramentos de impacto no front.

Dois dias depois de receber autorização da Casa Branca, a Ucrânia disparou, pela primeira vez, mísseis de longo alcance americanos do sistema ATACMS contra o território da Rússia. Por sua vez, o presidente russo, Vladimir Putin, aprovou uma modificação na doutrina nuclear e avalizou o uso de armas nucleares contra ataques ao seu país. A partir de agora, a Rússia se reserva o direito de utilizar esse tipo de arsenal caso seja agredido por um país não nuclear, desde que apoiado por uma potência atômica.

Nos últimos meses, Putin e assessores aventaram a possibilidade de lançar mão desse armamento na Ucrânia. Qualquer um sabe que armas nucleares são, basicamente, dissuasivas. Nos últimos 79 anos, elas jamais voltaram a ser usadas, exceto em testes esporádicos. Além das mortes em massa e do espalhamento de radiação, o ataque atômico pode desencadear uma reação em cadeia, com uma retaliação proporcional. Em vez de fazer ameaças alusivas ao arsenal

atômico, Putin deveria retirar suas tropas e se engajar em uma negociação para pôr fim à guerra com a Ucrânia. A Rússia e as demais potências nucleares, por sua vez, deveriam se comprometer com o tratado de não proliferação e começar a desmantelar o arsenal de destruição em massa, cujo único propósito está no próprio nome.

Além do risco de uma guerra nuclear, o conflito na Ucrânia traz o perigo de uma escalada regional. Seja intencionalmente, seja por erro de cálculo, qualquer míssil russo que cair em território pertencente a um país-membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) pode ser a justificativa para uma resposta imediata e proporcional contra a Rússia. O Artigo 5º do Tratado da Otan determina que “um ataque armado contra um ou mais países-membros é considerado um ataque contra todos os membros”. Sob essa hipótese, isso equivaleria a uma guerra aberta entre a Rússia e o Ocidente. Esse artigo foi invocado apenas uma vez, em resposta aos atentados de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos.

A guerra de mil dias, completados hoje, trouxe apenas dor, horror e sofrimento. Milhares de crianças ucranianas foram capturadas e levadas para a Rússia, em um processo de aculturação visto em outros conflitos e genocídios do passado. Famílias mergulharam no luto ou foram separadas. A rotina de bombardeios tornou-se “comum”. É preciso que o mundo dê um basta nisso.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

| VENDA AVULSA | SEG/SÁB | DOM |
|--------------|---------|-----|
| Localidade | | |

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS *
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br